

der rubin

por levis

I. lampejos de beleza

eu possuo uma memória da minha infância que agora me recordo. nesse momento eu era criança e meus dentes caíram três de uma só vez. e os segurei na minha mão, duros e pontiagudos, e senti como se parte de mim tivesse ido embora. sentia meu corpo se desfazendo, então os fechei na minha mãozinha gorducha e os pus de volta na boca, tentando os encaixar, um por um, após constatar que não haveria como colocar todos de uma vez. meus dedos vermelhos, uma pequena baba escorrendo. mas os dentes não voltavam. minha mãe me abraçou forte e disse, nunca vá embora, esteja sempre aqui, você é parte de mim, eu e você somos um... e senti sua barriga no meu rosto, babei um pouco seu vestido. eu derrubei meu dente e ela derrubou o seu filho. tentei sair mas era como se ela quisesse que eu retornasse ao ventre, de onde jamais deveria ter saído, onde estaria seguro do mundo para sempre e jamais sofreria algum mal, minha mãe chorou. meus dentes não voltaram para a minha boca e eu não voltei para a barriga de minha mãe. não entendo porque as coisas são assim e porque nada volta a ser como era antes.

II.

quando estamos no ventre de nossas mães, sonhamos. é o único momento de nossas vidas que conseguimos relembrar nossas vidas passadas. enquanto ainda possuía cordão umbilical, sonhei com uma de minhas vidas passadas. eu era um general que havia retomado Siracusa, citiada pelos coríntios num momento esquecido pela história. mas nessa época eu era um herói e havia sido construído um enorme monumento em minha homenagem. eu nunca o havia visto enquanto vivo, nunca tinha tido a oportunidade de retornar à Siracusa. mas estive lá no momento de minha velhice e contemplei o monumento, frente a frente com um eu feito de rocha, minhas feições vastamente diferentes das que carregava hoje, o corpo tão musculoso e rígido, o punho erguido no ar. sob os pés do meu eu de pedra, um coríntio esmigalhado, retorcido, flácido, expressando no rosto algo que não se sabe muito bem o que. nunca em minha vida passada algo remotamente parecido aconteceu - ou me lembro de ter acontecido. observei mais o coríntio de pedra do que eu de pedra, já que ele era para mim tão mais familiar do que este estranho que me passava por mim mesmo. e me lembrei, nas minhas memórias de vida passada, que da primeira vez que assassinei um coríntio, eu chorei. da segunda vez, eu chorei ainda mais. da terceira, eu chorei como nunca havia chorado na vida. na quarta as lágrimas deram lugar a uma tremedeira do corpo. minhas mãos tremiam, meu braço tremia, meu coração tremia dentro do tórax. e desde que parei de chorar e comecei a tremer, não parei mais. acordava de noite me tremendo, levantava meu filho o tremendo no ar. e em Siracusa lá estava eu, gigantesco, pisoteando um coríntio de pedra noite e dia, o momento em pausa no ar, repetindo-se eternamente. e pensei nisso, como a forma de pedra petrifica o tempo, um momento vivo, que se eterniza enquanto houverem homens que possam estar em sua presença. tremi, e segurei forte minha mão direita com minha mão esquerda.

III.

em uma de minhas vidas passadas, eu vi uma faixa de luz no ar que era recoberta de pequenas partículas de poeira que dançavam levemente pela sala, nem ascendendo nem caindo, nem muito menos levitando. acompanhavam os passos da isabel, que rodopiava movimentos de balé que havia aprendido dias antes na academia da sua tia. eu era bastante tolo. havia me passado apenas uma vez pela minha cabeça, "será que ela sabe que estou aqui, observando ela dançar"? enquanto observava pela verde fresta da porta. uma forte luz dourada de fim de tarde iluminava nós dois. claro que ela sabia. ela sabia todas as vezes que eu estava lá. ela só fingia não saber. os espetáculos acabaram em fevereiro, quando a nossa tia viajou com ela pra tocantins e nunca mais voltou para sobral. neste dia houve um lindo eclipse que nos deixou todos na escuridão, mesmo que ainda fosse dia.

IV.

quando morremos e nossa existência deixa o nosso corpo, nos lembramos de nossas vidas futuras, e este é o único momento. e numa vida futura eu me recordo de morder com toda a força o rottweiler da vizinha para que soltasse a perna do meu único irmão, 4 anos mais velho do que eu. e mordi, mordi, mordi, até não sentir mais a gengiva, mas o rottweiler também fez que não sentia e ficou por isso mesmo. até que arranquei a carne, e ele chorou. essa é minha única memória dessa existência futura, ao menos a única que agora consigo recordar.

V.

existem também fragmentos de tempo que não consigo discernir se fazem parte do meu presente, futuro ou passado. são momentos-ruptura, episódios, grãos de memória. eu gosto particularmente de um, na qual me sinto bem cansado com a respiração bem pesada. estou voltando de carro de uma festa, é noite. estou deitado no banco de trás e chove forte ainda que fino do outro lado do vidro. com o dedo indicador, eu percorro um caminho (uma linha) que rodeia-se num mapa (uma série de linhas). a umidade ajuda a construir e a apagar minha jornada. chegamos em casa, não sei que horas.

VI.

entre eu e você existe uma névoa intransponível. não nos reconhecemos pelo olhar, pois nossa forma é turva e se dilui a cada movimento. o único jeito é se nos tocarmos, buscando por aquilo que já conhecemos. em você havia uma escuridão muito grande, muito maior que eu, então recuei. não iria saber como reagir de qualquer maneira. nos tateamos e cada vez menos minha presença é sentida. sumo em pleno ar. tudo é neblina novamente.

VII.

segura um punhado de areia firme na mão; este é o tempo palpável, vivido. coloca-te na posição contrária à do vento e observa os finos grãos se repartirem e tornarem-se vento, desavencilhando-se do teu alcance; esta é a vida. não há punho, não há posse, não há aparato que dê conta de agarrar o tempo. pois ele é como areia num vasto oceano de dunas, e todo grão de areia faz igualmente parte do chão e do ar, o vento trata de levá-los e trazê-los e entre eles criar nenhuma distinção. o primeiro dos grãos é também o último, que também é como seus vizinhos do lado e os do meio.

existe a vontade humana de capturar o tempo, de possuir o fluxo, de depositar os grãos de areia em um depósito e dele declarar posse; isso se dá porque os homens tem uma estranha vontade de conquistar. tudo que põe nas mãos eles esbravejam - isto é meu! e carregam consigo uma estranha ideia de que algo no mundo verdadeiramente os pertence. mas o fluxo do tempo, os homens jamais compreenderão. porque no momento que de fato compreenderem, saberão que é impossível qualquer propriedade dele. não se pode ter o tempo. quando deixamos nossa existência terrestre, não carregamos nenhuma de nossas "posses" para a nossa próxima vida, isto é claro como a luz da manhã. mas os homens ao mesmo tempo olham e são cegos, compreendem mas não entendem.

pensei nessas coisas quando eu era um pequeno Achigã, uma das minhas formas mais espiritualmente evoluídas.

traços da minha memória de Achigã conseguiam lembrar de uma vida passada na qual fui um pequeno menino que caminhava numa estrada batida de terra em direção ao seu rancho; meu pai era um rico mercante ocupado com o ramo das chamadas pedras preciosas. no seu quarto, ele examinava um pequeno rubi, que terminara de ser lapidado na noite anterior; um circo passava em minha direção, um daqueles vários carros enormes lotados de gente. observei atento - as vezes se pode ver um animal enjaulado como um tigre ou até um urso! vi apenas gentes normais. mas ouvi música, certamente alguém carregava uma sanfona, que entoava uma canção alegre. os carros foram passando e terminaram sua exibição. para o final, deixaram bolhas de sabão, que eu não sabia ao certo de onde viam, mas que pairavam no ar quase que ao meu lado. segurei uma das bolhas e trouxe gentilmente ao peito, contemplando-a. e pensei que a criação de nosso senhor é que era, de fato, muito bonita, e que os homens se empregam unicamente em moldá-la, embalá-la, levá-la para outras pessoas como eu.

a bolha de sabão era indiscretivamente linda, ressoando a luz do céu, o azul das estrelas, exibindo um multi-colorido que dançava alegre aos meus olhos. era como se vibrasse, essa força da natureza.

nesse momento, meu pai no seu gabinete observava o rubi, que eu ganharia de presente no meu próximo aniversário, que alguns anos depois daria de presente de casamento à minha dama, que o transformara num parte integrante de um cordão, que daria para nossa filha se ela sobrevivesse à doença que teve aos três anos de idade, e que por pouco não a levou. chamamos isso de nossos pequenos milagres, a menina e o fato dela ter resistido. mais tarde eu também deixaria o plano terreno, mas o rubi continuaria por aqui, vermelho e pulsante como sempre.

VIII.

o rubi emanava uma luz, e quando eu digo emanava, eu quero dizer que ele de fato emitia uma generosa luminosidade que penetrava o olhar, e apesar de se assemelhar à luzes conhecidas, como a da lamparina ou das queimadas à noite, não exatamente carregava a mesma animalidade. era vermelho brilhoso, cintilante, ardente ainda que sofisticado. e por isso eu tinha muito medo de observá-lo por muito tempo, com medo que me enebriasse, me tirasse de mim e me levasse para fora. era como se falasse comigo, emitisse uma voz muito silenciosa e em murmúrio, sussurando algo que eu não sei bem o quê. e tornava a guardar o rubi de volta na sua caixa de madeira trabalhada.

havia nessa época um pensamento que me atormentava, que o rubi de fato falava e que ativamente tentava se comunicar comigo, acessando calmamente meus sentidos. diversas vezes dispensei esse pensamento como uma grande tolice, o rubi é um mineral como a areia, não fala. mas havia sempre um "e se?" que teimava em retornar, de modo que me deixava sem opção, não me escapava da cabeça, não tinha controle desse pensamento. e se o rubi, de fato, falasse?

certo dia segurei o rubi, com os olhos bem fechados, apertando as pálpebras com muita força. os abri de uma vez, de olhos firmes no rubi.